

# a Bomba

FIAT JUSTITIA (A propósito dos julgamentos dos conspiradores)

Dirigem a manipulação Cristiano de Carvalho (art.)  
Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedor das matérias primas—Laurindo Mendes.

Sede do Laboratório—Rua d'Alegria, 218.

Marca da fábrica—(vulgº editor)—Carlos Gonçalves.

Fábrica: terraco de Costa Carreiros, sr. Passos Manuel, 27.



—Repara bem, em mim, meus queridos filhos e vêde que a Justiça é cega... só d'um olho!...

# A Bomba

Convencionemos por momentos que o mundo inteiro se tornou, dum instante para outro, um enorme manicómio e supunhamo-nos todos absolutamente doidos.

A terra arde em convulsões de fogo e o brazeiro central, numa fúria apavorante, vai engulindo a pouco e pouco as últimas camadas da periferia. Ullam os povos num desvairamento de alucinações. Por fendas múltiplas, aqui e além, serpream já as chamas libertas. Cantam labaredas, sobe sempre o cortejo rubro a fundir e a devastar.

Nos pontos de menor altitude, os loucos esfacelam-se uns aos outros, arremessando-se depois para as fogueiras que surgem. Porque com o juizo se varreram as noções de familia, sepultam-se pais a filhos, irmãos a irmãos.

E, jamais se detendo, subindo do vale á montanha, enroscando-se pelos alcantis da serra, o fogo imenso escorrea á sua frente legiões progressivamente maiores de seres vivos.

Pelos ares vagueia um alarido formidável de imprecações. Os olhares esgazeados dos doidos fitam as chamas com um mixto de terror e atracção. E, aos grupos, vão-se sumindo na fornalha infinita.

Súbito, num píneiro mais dominante, um doido supremo, de aqueles que a sciência dos homens dera como incurável, lança á sua volta o pregão duma voz que parece uma trombeta:

— Da seijzas deste mundo vai renascer um mundo novo. Morramos doidos para ressuscitarmos sãos.

Porque não será Portugal, nesta altura da sua vida politica, um mundo que assim necessite de incinerar-se para dos escombros resurgir grande e heroico, como já foi?

# DE Pataco

Aquele Manéca Reis ha de ser sempre o gentil bobo das damas. Quanto ellas se divertiram com ele domingo ultimo no serão vicentino em casa de Teixeira Lopes!

—Ele falou da alvura maculada dos... lírios; do perfume estonteantemente rosado dos... jasmims; da graça perene e evocadora das damaiões... tripeiras e do supremo enleio do ar violeta das modestias. Ele falou em tudo isso e não lhe caiu nenhum braço.

— Verdade seja que para justa consagração lhe bastaram as risadas a *mezza voce* com que discretamente as damas e cavalheiros se consolavam uns aos outros.

— A *Montanha* vai pôr a concurso o logar de gerente. Condições: não perceber nada daquilo, tratar os redactores como marcanos e ter capital bastante para *ganhar* por mês 2008000 réis de... prejuizo.

— O *Mundo* vinha ha dias radiante porque uma sindicância produziu duas demissões e duas suspensões, e bradava: «Ninguém mais tem o direito de duvidar do bom éxito das *sindicâncias*!» Ou muito ingenuidade, ou muita poeira para *uma* dos olhos do leitor. E as que foram arquivadas, por não *convir* continuá-las? E aquelas de que certo ministro nem queria que se lhes publicassem os relatórios? Mais coerência, mais justiça e menos retórica — é o que se necessita.

— O *Solteiro* também vai escrever as suas memórias de *bufo*. Intitulam-se *A Sombra do Cavalo do sr. D. Pedro IV*. O *Magro* corrige e emenda. O *Arriscado* anota e o *Feijó* faz o prefácio.

Parece que o sr. Sá Fernandes sempre roe a corda da *Tuforia*. Como isto muda em tão pouco tempo! Ha por aí algum *talpessa* que queira colocar-se?

— Podemos informar os habitantes da rua de Santa Catarina, entre as ruas Formosa e de Passos Manuel, de que vai ser discutido na Câmara dos deputados um projecto de lei abolindo o fumo verdadeiramente cafreal que a Camisaria Confiança produz todas as tardes.

— O sr. Xavier vai tambem propor para solução do conflito na Academia de Belas Artes, que os projectos sejam feitos em cimento e, ele o único elemento constitutivo do júri.

— Começam a última definição, que um escritor deu do dr. Afonso Costa — uma religião em movimento. *Dá vontade de perguntar: Com quantos á hora?*

# PÓLVORA AVULSA

## Caracoles!

O nosso espantoso José António, tambem conhecido por António José, termina um dos seus artigos em que mais uma vez patenteia a sua comprovada *Afonso-phobia* com os seguintes dizeres: *E quem nos provocar encontra-nos sempre.*

Tem corágem o homem. Até parece ter devorado figados de *leão* (Enzebio).

Hay por ahí algun valiente que se quiera bater com otro valiente?!

Coidado! E a gente lembrar-se de que João Chagas gizia no tempo da monarchia: quando ha intervenção da policia o António Zé... eclipsa-se...

## Aventura galante

Ante-hontem á noite, por volta do zero, parou em frente do café «Republica» um automóvel de praça. Apeou-se um janota muito conhecido e muito frequentador do «Internacional», de cara rapada, cabelo castanho, alto e nariz aquilino, e apeou-se uma dama tambem muito conhecida nas primeiras filas do «Sá da Bandeira». Entraram, sentaram-se a uma mesa, pediram Beneditine e beberam a música sanfonava uma *malagueña* já gasta nos tões e no repertório da desconjuntada cantadeira quaes no estrado fazia piruetas de garça e atirava para um sargento que a perseguia com os olhos sorrisos promotores de carmin e *cold-cream* em beijos, e um estudantesinho discutia furiosamente com o creado o número de cálices de genebra que lhe emboreára a pálida e encarquilhada companheira. O janota meteu a mão ao bolso, tilintou uns tostões, falou baixo com a dama e... saiu. Ela tinha já catrapiscado um quarentão com aneis que estava numa mesa de frente e que a lambia com as pupilas, e, num rasgo de infinita abnegação, deixou-se conquistar. O bom do homem foi percebendo, chegou-se e dirigiu-se-lhe...

— Se V. Ex. me dá licença...

— Perdão, não o conheço e sou uma senhora honesta...

— Tambem eu sou um homem honesto...

— Mas aqui compromete-me. Se quiser sair...

De aí a meia hora, a dama

estava de novo na mesma mesa e na mesma atitude honestíssima, chegando poucos minutos depois, e muito cansado, o escelente janota:

—Não imaginas, lhe diz ele, as voltas que dei por causa do teu alfinete. (E baixinho) Quanto rendeu?

—Cinco mil réis.

Podemos ir ceiar.

—O automóvel rodou e foi parar ao «Lisbonense».

**DE LAGRIMAS**

Muita choradeira andam fazendo as *canastras* umas junto das outras pela demora da incurso. Elas que já tinham as suas ligas azues e brancas prontas para o primeiro *flirt*...

—A padralhada também deixa cair a sua lágrima. O serviçinho começa a falhar e não há rãio de coisa nenhuma que tire da justiça o dr. Afonso António da Costa Macieira.

—Que á lei da separação eles não tem muito medo. Ao seu autor é que nem ouvir-lhe o nome, tal a raiva convulsa que logo sentem.

—Ha muitos bispos que, se pudessem, não tardariam a lamuriar a canção da «Arrepêndida». O medo de Roma é que não os deixa.

—Dos padres são também em grande número os que tem torcido mil vezes a orelha por não aceitarem as pensões. Julgavam, pelos seus lindos olhos, que lá pelas paróquias seria sempre dia de festa e afinal saiu-lhes o gado mosqueiro. Quem os mandou ser bestas cúbricas?

—E no côro de imprecações sobresa sempre a ladrinhada das amas. Porque o toucinho diminui, os grãos diminuem, os ovos são menos, o senhor cura anda mais aflito e... na cama já não pára como dantes.

—Consta, porém, que todo o pranto desaparecerá no dia em que o sr. António José evolucionar para chefe de gabinete, com mais um ósculo arriagal:— Todos ficarão bem postos e rechonchudos.

—Todo se mata o sr. José de Figueiredo em procurar saber a significação dum desenho que Rodin lhe deu e que representa um homem satisfazendo necessidades. Não ha motivo. E' o que Rodin estava fazendo para ele.

## Estilhões

### Calistágens

Aquele sr. fenomenal Carlos Calisto, joanete encravado do não menos fenomenal sr. Camacho, fez no último domingo em Lisboa uma conferência sobre o «Sport de Secretário.» Depois de cumprimentar a assistência, dividiu o tema da palestra em duas partes: «O sport de secretário da Camara Constituinte» e «O sport de secretário de ministro», entrando a seguir no desenvolvimento dos dois pontos.

Como secretário de ministro, diz ter consistido a sua principal função em acarretar cigarros e cerveja para o sr. Camacho e em procurar que este illustre jornalista escovasse o casaco e deixasse engraxar as botas. No primeiro sub-ponto, sou, estafou-se, esbaforiu-se mas conseguiu dar bom exercício aos músculos das pernas e mãos. No segundo sub-ponto, nada obteve de prático para o sr. Camacho e quanto a si só sentiu uma distensão maior nos músculos da paciência. Em qualquer caso, porém, fez óptima figura, aparecendo em todas as festas solenes, recepções, trotes por Caçilhas, etc., etc.

Como secretário da Constituinte, além da exhibição permanente da sua bela plástica e ornamentos capilares, conseguiu diminuir em metade o volume do abdômen com as doze mil quatrocentas e oitenta e sete descidas e conseqüentes subidas das escadas da presidência para levar recados do sr. Menezes, trazer ordens do sr. Camacho ou levar e trazer copos de água aos srs. deputados. Teve de soletrar vários documentos, mas não foi essa a tarefa mais salutar do seu cargo.

Claro que, e isso quer frisar de maneira iviludível, nunca o seu cérebro teve de funcionar. Primeiro e acima de tudo—a educação física, o sport.

A estas últimas palavras, as pessoas que ainda estavam a ouvir acordadas irromperam em urrantes apoiados. O orador foi muito cumprimentado e um ovinite mais indiscreto assim se lhe dirigiu:

—Diz-me cá, ó Calisto, como porias tu o cérebro a funcionar?

—Cala-te; o raio do Camacho poz-me em água; já não tem concerto...

Mais menos anula-se

Toda a gente vê por essas ruas do Porto o sr. Xavier Esteves sempre nas de arder, e certamente pensa que ele, a trabalhar tanto, deve estar acumulando uma fortuna americana. Pois anda tudo redondamente enganado. O sr. Xavier, se não tivesse adoptado ha muito o elemento para os diferentes usos de comida, bebida, vestuário, etc, a estas horas já tinha morrido pelo menos vinte vezes. E isso pela simples razão de que se ganha 6 contos de réis por ano em logares que lhe não dão nada que fazer, perde esses mesmos 6 contos nos que o trazem em lufa-lufa constante. E' o que se chama trabalhar para desgastar.

### Postais políticos

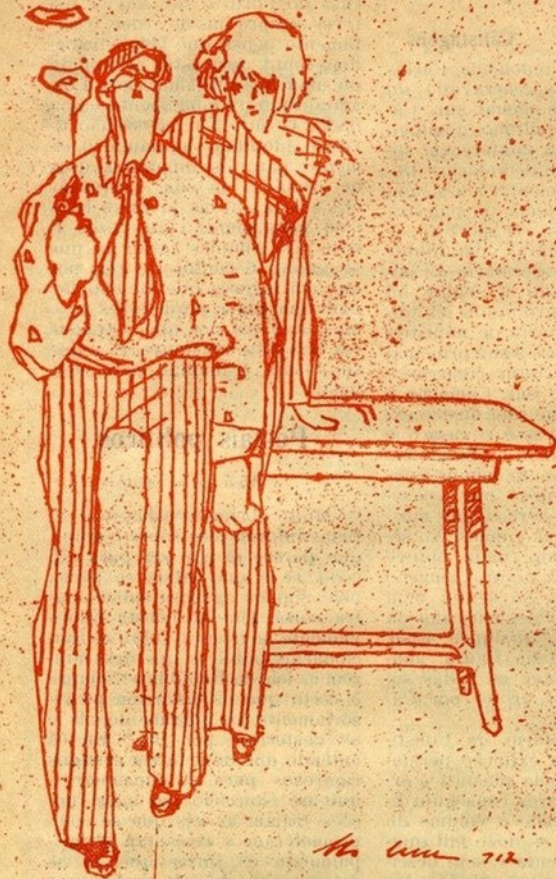
Meu caro Ambrósio

Muito obrigado pelas tuas últimas informações sobre o golpe, que parece já não ser para tão cedo, se é que ainda se pensa nele. Vamos agora a saber doutra coisa. Que te consta relativamente ao decreto sobre os funcionários públicos que desacatarem as leis da República? sempre é certo que os enforcam provisoriamente, os julgam depois e os desterram por fim? Eu cá entendo que deve haver castigos rigorosos para os funcionários que no exercício das suas funções tráiam as leis que se comprometeram a respeitar. Principalmente os juizes que, se os deixam, inda hão-de acabar por meter na cadeia os revolucionários da Rotunda. Mas, parece-me que para isso não era preciso nenhum decreto especial. Bastava o código comum. Não mataram o execrando D. Carlos por ter assinado, na yéspera, um decreto que também estabelecia o desterro para os republicanos? Não se indignou o país inteiro contra semelhante barbaridade? — Diz-me, pois, se o caso de agora é ou não um tanto parecido. Que, na verdade, como os tempos andam tão mudados, é bem possível que a lógica tenha igualmente mudado. Diz-me alguma coisa, para descanço do meu escripto que cada vez mais se perturba com certas coisas que estão succedendo.

E recebe um grande abraço do teu muito amigo,

JERÓNIMO.

DE rabiar



Na luma 712.

Um ex-ministro espera o resultado d'uma sindicância.

de Perussão

Vai bonita a brincadeira com a eleição da nova comissão republicana. Os novos donos do Porto querem que seja deles e o povo republicano quer que seja sua. Bem rirá quem vencer.

— Que já não acreditamos mandarem nisto os snrs. Ferreira Gonçalves, Cunha, Xavier, Henrique Cardoso & Gomes Pimenta, etc. como em terra de pretos. A canalha deu-lhe para sair arisca.

— Que, de resto, também não são esses catões que nas horas do perigo aparecem a apresentar o corpo ao manifesto. Um deles houve, mas ó tempora! ó mores!...

— Gabam-se de terem dado sempre dinheiro e de o darem ainda. Pergunte-se-lhes, porém, se foram eles que o ganharam ou se o tiraram dos braços dos trabalhadores. Só virtude lhes assiste em o restituírem.

— O sr. Tomás da Fonseca voltou a ser homem duma só fé íntegro e de antes quebrar que torcer... para os democráticos. Para os evolucionistas é agora o pior dos farçantes. Oxalá não continue a andar á volta.

O sr. Júlio de Matos foi autorizado a aceitar 100 contos para novos manicómios. Ha por aí algum senador, jornalista ou comediante que queira curar-se?

— O sr. António José deu agora em apeiar toda a gente dos respectivos pedestais. Qualquer dia deita abaixo o sr. D. José 1.º e seu cavalo e põe-se lá a ele escaneado nas pernas autónomas.

— Que ele o que deseja é estar em evidência. Isto de partidos, formas de governo e outras semelhantes ninharias pouco lhe importam. O principal é ser discutido.

— Continuam no alto órgão do evolucionismo a dar cartas á moralidade indígnea os *moralões* Eduardo de Sousa, Graça e Cruz e Alfredo Pimenta. Que ha de sair de tais marmajos senão o que a gente vê!

— Camacho continua a não querer ser governo. Cada vez mais verdes...

— Machado Santos passa a fazer o jornal de dia. A ver se escreve por linhas mais direitas e menos escuras...

— Ao tempo em que o sultão evolucionista dava á luz o famoso artigo «Punhal? Veneno? Guillhotina?» escrevia ele para o Porto, perguntando se teria o seu partido algumas probabilidades de éxito nas próximas eleições camarárias. Vê-se bem como ele sentia perto a morte!...

— O sr. Silva Cunha já não retira sobre a Guiné, para arreliar de muitos dos seus numerosos inimigos e a pedido do seu compadre sr. Ferreira Gonçalves. Prefere acabar de enegrecer na estufa da rua de Santa Catarina.

— Caldeira Scévola e o dr. Rómulo vão requerer a acareação da Bomba e do Tira-Olhos para se apurar quais são, em definitiva, as verdadeiras efígies de cada um deles.

— Ha no Porto uma revista de farmácia que, mui própria-mente, se chama *Galenia*. Como, porém, o título é algo arrevezado e nem toda a gente se meteu pelos abismos do latim, ou sequer do paleógrafo, vai um semanário de Gaia e reproduz a gravura com a intenção de obter *Galeria*. Já viram confusão mais divertida?

# EVOLUCIONANDO...



Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.



### Quadros vivos

Entre os dois, Margarida e João, houvera longos anos de amor tímido e esperançoso, com todas as frases da inocência e todos os protestos da castidade.

Um dia, porém, ele perdena de vista e quando, mais tarde, anos volvidos, quiz recordar os sonhos antigos, o pai dela mil carinhosamente o elucidou de que a dama dos seus pensamentos ia casar.

Passam tempos. Vai-se a lua de mel, chega o primeiro filho e a hora do tédio repete-se muitas vezes. Margarida olha para o passado, contempla recordações dessa época em que a sua desmarcada vaidade lhe fazia prender todos os rapazes que conhecia, com um olhar, com um bilheteinho, com um galanteio, e mortifica-se de saudades. Se ela pudesse!...

Uma noite, bruscamente, violentamente, encontra-se no teatro de olhos nos olhos de João. Num intervalo, ele levantára-se, olhára para a sala e ela estava na fila seguinte. Um estremeamento profundo a abalou. A ele, fê-lo fixa-la apenas uma como que reminiscência de qualquer coisa que por si

passou. E, nessa noite, se ela não podesse dormir, ele mui alegremente se divertiu num gabinete de restaurante...

No dia seguinte, o meio-dia já corria, João entra em casa, um pouco alquebrado pela ceia e acessórios. Em cima da secretária estava com o correio uma carta que não própria trouxera. Lembrou-se da letra meudinha. Quantas iguais já tinha aberto com uma ansiedade febril e doentia! Como o seu coração tinha batido pressuroso e torturado, quando, á janela, as adivinhava em baixo, nas mãos do carteiro!

Era de Margarida e assim rezava:

João

Volte hoje ao teatro. Quero vê-lo, vê-lo muitas vezes. Fui má para consigo, mas perdôa-me. Porque eu sou tua e só quero ser tua. Vê maneira de falar-te. Quero estar ao pé de ti, chorar muito pela nossa felicidade perdida, resgatar com lágrimas a falta que cometi. Eu devia esquecer-te. Tu é que devias ser o meu esposo. Mandou logo buscar a tua resposta. Escreve-me uma daquelas grandes cartas, que costumavas escrever-me e que eu achava sempre pequenas. Escreve, sim? Tua, muita tua

Margarida

João leu palavra por palavra, tal era a indiferença que a carta lhe merecia. Noutro tempo, te-la-ia devorado, apenas lendo a primeira e última palavra de cada período. Resolveu não responder nem ir ao teatro e saiu, sem nada deixar dito.

Margarida mandou tres vezes á

procura de resposta. E de vez para vez mais se enfurecia. O orgulho saugrava; a vaidade fazia-a remorder-se. A 8 horas estava no teatro, espionando todos os lados. Sob o pano, desce, torna a subir e a descer e a raiva cresce. Já odena João, é um miserável, o mais canalha dos homens. Fingindo-se doente, consegue ficar só e para desabafar, para expellir toda a cólera, novamente escreve a

João

O senhor é um insolente e um vil. O seu procedimento não tem classificação. Admito perfeitamente que me tenha rancor, que me odeie, que me considere a mulher mais pèrfida do mundo. Mas preferia que mo tivesse dito, em resposta a esse bilhete que ontem cometi a imprudência de lhe mandar. O senhor, se fosse delicado e cavalheiro, tinha-me respondido. Tinha-me dito que não, que estava ocupado com outra, que me tinha mentido quando me jurava um amor eterno. Assim é que não, que não lho admito, senhor atrevido. Eu não estou para suportar o seu desdém e muito menos a sua indiferença. Fui leviana, abandonando o seu amor, para me entregar a outra? Mas não lhe confessei ontem que só a si quero e desejo? Não me prestei eu na diffcil situação de esposa e mãe a solicitar o seu amor perdido, a oferecer-lhe o que tantos anos de mim ancio, e agora talvez com menos responsabilidades? Sim, João, porque eu apesar de tudo ainda sinto por ti a paixão mais ardente e sincera da minha vida. Vejo-o bem na forma como te escrevo estas linhas; tenho-o sentido toda a noite passada, todo este dia hor-



### As proezas dum Seixo

De como o autor desta ridicula história, por motivos de limpeza, põe ao sol a origem e manhas de um famoso Seixo, cujas proezas ao adiante se verão.

#### CAPÍTULO I

Da forma como o calhu apareceu no meio de gente.

V

O João da Grade consegue a muito custo furtar o Seixo á espantação do público e com ele vai até casa, dando-lhe conselhos e ensinamentos. A pedra ouve, roe, ruma, e no fundo só lhe fica uma intenção: — a de se não importar com o que os outros dissessem e arranjar para si um código de tudo, daquilo que lhe fosse conhecido e tambem do que lhe fosse desconhecido.

Assim cresceu o Seixo, adquirindo pelo seu feito inimizades e más vontades entre quantos o conheciam. Os próprios protectores já não lhe suportavam bem as esquisitices e, para se verem livres dele, meteram-no a marcaço duma mercearia do Porto. O calhu

não gostou muito do caso, mas não teve remédio senão sujeitar-se. Um dia que o tinham mandado levar uma dúzia de garrafas de vinho a um freguez embarrou com a caixa num toldo da rua dos Clérigos (não fosse pelo passeio) e partiu tudo. O patrão deu-lhe uma sova e ele despediu-se, voltando a pedir a protecção do João da Grade enquanto não arranjava novo officio.

Pouco tempo decorrido sobre as garrafas partidas, passa pela aldeia um destes vendedores de ouro que andam pelas feiras. O Seixo offerece-se-lhe para o acompanhar, o bom do homem acha-lhe pihéria e leva-o consigo. E em tão boa hora o garotito se collocou que de aí a dez anos estava já com negócio por sua conta, fazen do transacções importantes com o Brasil e arranjando mesmo lá um pequeno escritório para seu serviço.

#### CAPÍTULO II

Da maneira como o calhu principia a tocar rabeção

I

Como era natural, e para em tudo se assemelhar a gente, o nosso Seixo casou e teve filhos. Fez várias viagens ao Brasil, arranjou conhecidos e meteu-se a perceber de teatro... pela convivência com algumas coristas a bordo. De papo e de alto, discutia os grandes artistas. A Sara não era tanto como diziam e a Duse podia ser mais correcta. O Antoine tambem lhe não enchia as medidas, e quanto ao Mounet Suli parecia-lhe muito exagerado. Os

ovintes troçavam-no ás escondidas, mas ele pouco se lhe importava. Tinha a consciencia de saber e tanto era o necessário. Meteu-se mesmo a furioso, construindo um pequeno palco na casa que adquiriu num bairro afastado e cuja frontaria pintaloug de mosaicos verdes e vermelhos. Para as representações convidava várias pessoas conhecidas, juntado-se sempre para cada espectáculo umas oito ou dez familias. Essas eram noites de festa e uma, principalmente, tem memorável ficou, pelo que de extraordinário nela se deu.

Representava-se o Auto d'El-Rei Scienco dum tal espanhol sr. Luis de Camões. O Seixo lá estava na primeira fila de convidados tendo ao lado o filho, já crescido, e uma donzela, que era ao mesmo tempo visita da casa e namorado do rapaz. O auto foi indo, o príncipe muito triste, a futura rainha consolando-o, o rei todo feliz do seu próximo casamento e por fim a abnegação de o pai dar a sua noiva, que era bela e muito mais nova do que ele, ao filho que por ela se tinha apaixonado e dela era tambem querido. O Seixo conhecia o auto, fora ele que o escolhera, mas só naquele momento lhe suggeriu uma ideia brilhante. Se ele, para andar sempre ao contrário dos outros, invertesse os papeis do rei e do filho e arranjasse para si uma comédia em que isso fosse posto em prática? Não matuto muito no caso (lá em resoluções é rapido). Meteu o focinho, encheu a namorada do filho de gentilezas e não tardou a conquistá-la. De aí a oito dias tinha-lhe um andar alagado e mobilado. Ele chamava-lhe a ela Lili. Ela chamava-lhe a ele Xixi.

(Continúa).

rível, em que a minha alma, a minha carne palpítam por ti, pelo teu olhar, pelo teu corpo, para me darem felicidade infinita, gozo eterno. É a mulher, é a amante insatisfeita que te quer, que te ambiciona para um abraço permanente de carícias e palavras ternas. Se me, vem, deixa essa vida de aventuras, de noites de orgia, de pedaços de falso prazer passados com munições que vos enganam a todos; vem para mim; sou nova, formosa; posso ser só tua, entrego-me toda, sem nada te exigir, a não ser que me tomes como me dou. Que receias? O imbecil de meu marido? Coitado, nem sei como tive um filho! Ele dorme, só dorme. Vela tu, vem velar comigo. Todas as noites, todos os dias, eu arranjarei protesto para estar a teu lado. Vem, ou vou procurar-te, a tua casa, na rua, no teatro, onde quer que estejas. Quero e hei de ser tua

Margarida

De manhã, mandou a carta. Veiu o recado de que João saíra para o estrangeiro e só voltava daí a alguns meses...

Margarida resolveu esperar. Entretanto, lembrou-se de pedir mais francamente a corte do vizinho que a namoriscava com êxito.

## Cartas de namoro

(Duma coleção preziosa)

Meu querido Joaquim

Não calculas o ferro que ontem me fizeste com faltares. A mamã e o papá tinham ido ao teatro, a criada fora para a fonte e fiquei eu sósinha à tua espera. Podíamos falar à vontade, passaríamos do portal e seria enfim ocasião de me ensinares aqueles beijos prolongados e deliciosos que ha tanto tempo desejas dar-me. Mas, porque faltaste? Diz. Estiveste doente, ou tens outra? Eu ando a desconfiar há uns dias de que as tuas palavras já não têm o mesmo valor que dantes, nem as tuas cartas são tão inflamadas como eram a princípio, quando me chamavas o teu anjo querido, o sonho da tua alma, a esperança da tua vida. Tu já não gostas de mim, nem te importas com esta pobre rapariga que tão louca foi em acreditar nos teus juramentos. Encontraste outra mais linda e mais rica. Não é verdade? Mas, diz-me que não, assegura-me que tudo isto são imaginações minhas e que ainda sentes por mim a grande paixão que confessaste nas primeiras cartas. Eu queria fazer-te muito feliz, havíamos de ser ambos muito felizes. Vem logo muito cedo e escreve-me pela portadora que é de confiança. A mamã talvez vá logo visitar umas amigas e então falaremos à vontade. Te-

nho mil coisas a dizer-te que não sei escrever e que só se podem dizer baixinho, quasi a rezar. Olha que eu amo-te muito e quero que só a mim tenhas amor. Casaremos logo que o papá consinta e havemos de viver muito contentes. Basta que tu tenhas um bocadinho de afecto pela tua Joaquinha, que eu terei amor bastante para te conquistar por completo. Vem cedo sim? E traz-me o livro de versos que me prometeste. Ando aborrecida e queria entreter-me com qualquer leitura que tu indicasses. Não fates e acredita sempre na tua e só tua

JOANA.

No mesmo dia um companheiro de casa do Joaquim recebia da mesma donzela estoutro bilhete sincericimo:

Meu amor

Não venhas logo, que tenho de ir passar a noite a casa dumas amigas. A manhã será. Muitos beijos da só tua

JOANA.

## Rastilho dos Teatros

**Sá da Bandeira** — A melhor das mulheres. As Nossas amantes. Primrose. A Bisbilhoteira. enfim, todo o género chic do feminismo — é o que vai fazendo época neste, como em todos os teatros do Universo onde o instinto animal ainda é o primeiro árbitro artistico. E por mais que os actores tenham talento, por melhor vontade que tenham de o mostrar em obras de senso, de critica educativa, ou discussão ensinadora, hão-de cair nisso, espovar-se no que o publico chama o teatrosinho picante. De vez em quando, para distrair, um pedaço vicentino, mas sem mais consequências que as duma núnvem passageira. Sombras que se vão...

**Carlos Alberto** — A imoralidade progrediu sem que o inspector Rómulo ali entre. Os poucos assistentes já nem aplaudem — tirram de spismo e sentem-se praticando o amor do palco por todas as maneiras e feitios. Levai lá as filhas, pais de familia, e dizei depois que é atavismo...

**Passos Manuel** — Aumentam de semana para semana as duquezas, marquesses, condessas e restantes graus, constituindo um extraordinário sucesso, os concertos classicos... nos curtos intervalos das sessões. Que as fitas é que os bons apreciadores de música não faltam. As mesas do hall que ouçam o resto...

**Olimpia** — Muita luz, muitas fardas bonitas, bailarinas com muitas pernas, muitas fitas, muita concorrência, etc. etc. Vamos indo que, para começo, é como todos os restaurantes, não desagrada de todo.



### Charadas aumentativas

Ave-2 fita-2

### Charadas adicionadas

Fruto-2  
ba-  
Riaceo-3

### Charadas sexuais

Ele planta e ela risca-2-2

### Charadas em frase

A creneça e o pondunor imediatamente é especialista-1-2-2.

### Combinadas

1.º — boz — peixe  
2.º — ju — vestuario  
3.º — vrite — donceia  
4.º — civo — travesso  
Terra portugueza

### Enigma tipográfico



### Maçada geográfica

Formar o nome duma terra portugueza com as seguintes palavras:

MEDIR BEM A TUA SEDA.

### Decifrações do n.º 5

Charadas adicionadas: generico.— Charadas em frase: enxovalho. Charadas aumentativas: forma, formão.— Charadas sexuaes: milho, milha.— Charadas combinadas: Cristiano.— Maçada geográfica: Oliveira de Azemeis.— Enigma tipográfico: a galinha.

TRIC-TRAC.



?...



—Já está em minha casa; mas... quando acordará ela?